



# UMA NOVA VISÃO PARA AS AVALIAÇÕES DE APRENDIZADO

| POR ALEXANDRE PIGNANELLI

Com um instrumental abrangente, integrador e flexível, o sistema de *assurance of learning* procura vencer as limitações dos modelos tradicionais de avaliação.

**O**s modelos tradicionais de avaliação de aprendizagem no ensino superior brasileiro vêm sendo criticados, muitas vezes, por não conseguirem de fato aprimorar o processo educacional. Alternativas têm surgido com uma proposta mais abrangente, integrada e flexível.

Os sistemas de garantia de aprendizagem, ou *assurance of learning*, por exemplo, partem de um diagnóstico amplo que envolve a análise da missão da instituição para criar metas e objetivos de aprendizagem e, então, alinhar o currículo e os instrumentos de mensuração ao que é almejado.

A proposta deste artigo é discutir as principais críticas aos modelos vigentes de avaliação de aprendizagem, para,

em seguida, apresentar como o sistema de *assurance of learning* pode contribuir para a inovação e a melhoria dos modelos de avaliação.

## CRÍTICAS AO MODELO TRADICIONAL

Atualmente, a maior parte das avaliações no ensino superior é conduzida pelos professores em suas disciplinas, como forma de classificar os alunos e decidir pela sua aprovação. Quando o professor é o responsável por desenvolver e aplicar os instrumentos de avaliação, surgem ao menos três limitações.

A primeira é o potencial conflito de interesse – o próprio responsável pelo processo de ensino está avaliando, de certa forma, a efetividade de seu trabalho. A segunda consiste



## PRINCIPAIS CRÍTICAS AOS MODELOS TRADICIONAIS DE AVALIAÇÃO

Críticas	Avaliações em disciplinas	Avaliações integrativas <sup>1</sup>	Avaliações oficiais <sup>2</sup>
Potencial conflito de interesse	●	○	X
Instrumentos de avaliação frequentemente não adequados	●	○	X
Avaliações restritas aos tópicos ministrados	●	○	X
Apenas avaliações de conteúdo	○	●	●
Predomínio de avaliações objetivas/diretas	○	●	●
Avaliações fragmentadas	●	○	X
Feedback pouco aproveitado para a melhoria do curso	●	X	X
“Régua única” para as avaliações	●	●	●

● Ocorre quase sempre    ○ Ocorre eventualmente    X Não ocorre

<sup>1</sup>Avaliações normalmente realizadas ao fim de um período (semestre, por exemplo), abrangendo todo o conteúdo daquele período;

<sup>2</sup>Avaliações governamentais (como o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – Enade) ou de conselhos profissionais (por exemplo, a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB).

na formação típica do professor no Brasil, que não inclui, de maneira satisfatória, competências para o desenvolvimento de instrumentos de avaliação de aprendizagem, como elaboração de questões, construção de escalas, psicomетria, teoria da medida e teoria de resposta ao item, entre outras. Assim, as avaliações são normalmente elaboradas com uma boa dose de intuição, vivência prática e reprodução de experiências anteriores. A terceira é a avaliação restrita aos conteúdos mais relevantes ministrados na disciplina (“só vou cobrar na prova aquilo que dei em aula”), e não ao corpo de conhecimento temático mais amplo, muitas vezes até mesmo normatizado. Além disso, o foco das avaliações frequentemente acaba direcionado para a retenção de conteúdo técnico, deixando de lado as outras dimensões de um conceito mais abrangente de competências, como habilidades e atitudes.

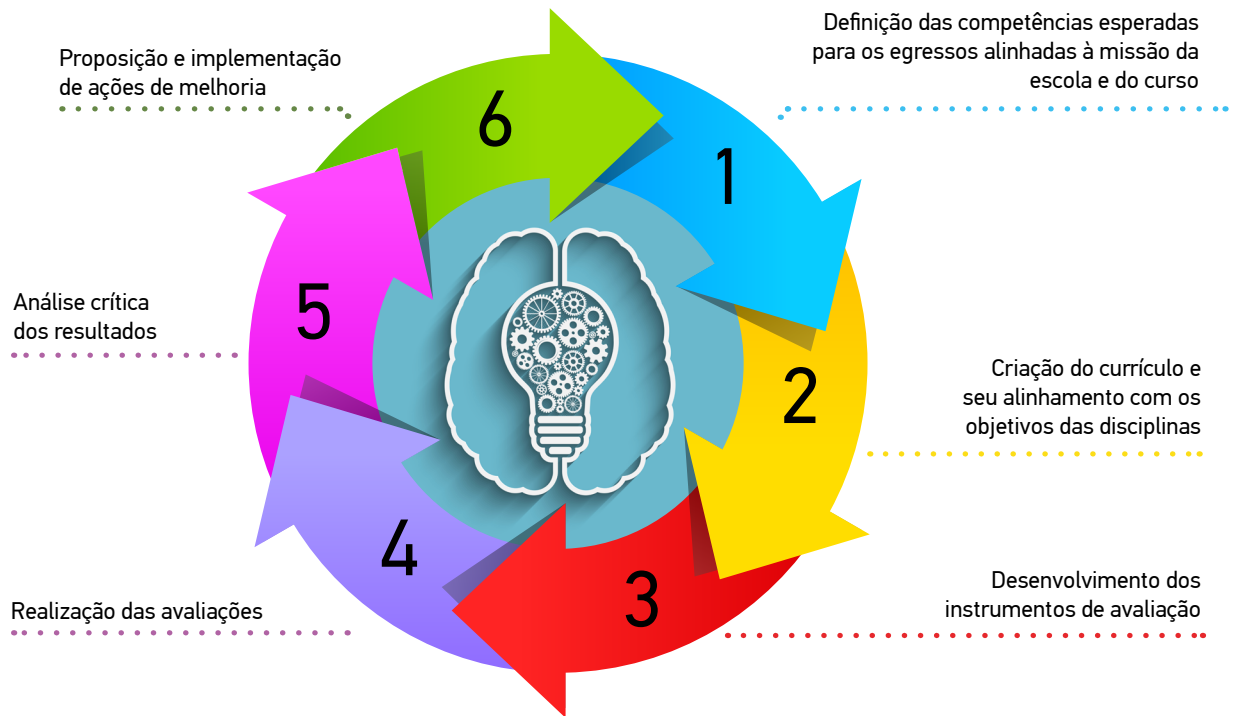
A ênfase em avaliações de conteúdo leva ao uso quase que exclusivo de medidas diretas, com instrumentos objetivos, como se vê nas chamadas avaliações integrativas, realizadas ao final de módulos ou períodos, e nas avaliações oficiais, como no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade). A mesma lacuna é notada nas avaliações em disciplinas, apesar de o desenho mais flexível destas oferecer uma abertura maior para que o professor use métodos indiretos – como entrevistas, dinâmicas em grupos, observações

e *surveys* –, mais adequados quando se trata de avaliações de competências comportamentais.

Outro problema relacionado ao modelo tradicional de avaliações é a sua fragmentação. Normalmente as avaliações são realizadas apenas nas partes (disciplinas) que constituem o todo (curso), desconsiderando assim questões de integração, interação e sinergia. Uma consequência dessa fragmentação é o reduzido aproveitamento dos resultados dessas avaliações para o aprimoramento do curso como um todo – muitas vezes, os coordenadores ou diretores de cursos não têm nem mesmo acesso ao detalhamento das avaliações conduzidas nas disciplinas.

A existência de uma “régua única”, que não diferencia realidades, necessidades nem propostas, também é frequentemente vista como uma deficiência dos modelos de avaliação tradicionais. O efeito indesejável do padrão único pode ser observado nas avaliações oficiais, como o Enade: alunos de uma pequena escola com acesso restrito a recursos e distante dos grandes centros, porém com potencial de produzir relevante papel para o desenvolvimento regional, são avaliados da mesma forma e na mesma escala que alunos de uma escola de referência nacional/internacional, com grande orçamento e geradora de impacto social via pesquisa e serviços.

## OS SEIS PASSOS DO ASSURANCE OF LEARNING



### O SISTEMA DE ASSURANCE OF LEARNING

O *assurance of learning* (AoL) é uma adaptação, para instituições de ensino, de modelos de garantia da qualidade e melhoria contínua já utilizados há décadas por empresas privadas e organizações públicas.

O modelo parte de questões que podem parecer óbvias, mas que na prática são bastante difíceis de serem plenamente respondidas. São elas: o que os estudantes vão aprender no nosso curso? Quais são suas expectativas? Como vão aprender? Como saberemos se aprenderam ou não? O que devemos fazer se não aprenderam?

Para as escolas de negócios, o AoL é um dos principais requisitos que compõem o conjunto de padrões utilizados por organizações acreditadoras como a Association to Advance Collegiate Schools of Business (AACSB). Fundada em 1916, a AACSB realizou as primeiras creditações em 1919. Atualmente, conta com mais de 1.600 escolas-membros. Os requisitos sobre AoL só foram introduzidos aos padrões de acreditação em 2003 e desde então vêm sendo adotados por cerca de 850 escolas de negócio, em 56 países.

No modelo tradicional, as avaliações são fragmentadas em disciplinas, frequentemente sem objetivos e metodologias bem definidos, e nem sempre seu conteúdo é acessado plenamente pela coordenação dos cursos.

No Brasil, apenas três escolas possuem a acreditação AACSB: a Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas (FGV EAESP), acreditada em 2000 (uma das primeiras escolas fora dos Estados

O modelo de *assurance of learning* avalia os alunos por competências, e não por disciplinas, de acordo com a missão de cada curso e instituição, funcionando de forma centralizada para garantir independência e melhoria contínua do programa.

Unidos a conseguir a acreditação), o Insper Instituto de Ensino e Pesquisa e a Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, também da Fundação Getúlio Vargas (FGV EBAPE).

A adoção por parte das organizações de ensino de um modelo de garantias de aprendizagem com a implementação sistemática de suas etapas (veja na figura da página anterior) pode ser fator gerador de relevantes melhorias para os modelos de avaliação de aprendizagem.

Relacionando as soluções trazidas pelo AoL aos problemas discutidos inicialmente sobre os modelos tradicionais de avaliação, podemos destacar os seguintes aspectos:

- As competências esperadas para os egressos de cada curso incluem, além de conhecimentos, habilidades e atitudes. Por exemplo, a FGV EAESP identifica como esperadas para alguns de seus cursos as competências de resolução de problemas, liderança, trabalho em equipe, diversidade, ética, comunicação multimídia, relevância e inovação em pesquisa, empatia e *change management*, entre outras. Para avaliá-las, é necessário um conjunto de instrumentos que inclua simulações, dinâmicas de grupo, entrevistas em profundidade, estudos de caso, projetos *capstone* e avaliações do tipo *peer-review*;
- Os instrumentos são desenvolvidos buscando-se a melhor forma de avaliar o desempenho dos alunos em relação às competências, e não às disciplinas. Ou seja, a avaliação ocorre de maneira transversal às partes (disciplinas) constituintes do todo (curso) e, por essa mesma característica, não tem sua abrangência limitada pelo conteúdo programático das disciplinas – inclusive, parte importante das oportunidades de melhoria identificadas pelas avaliações de AoL se refere a conteúdos não cobertos adequadamente pelas disciplinas;

- As competências são identificadas de modo específico para cada curso e cada escola, de acordo com sua missão e com suas características particulares. Essa mesma lógica de customização é usada para a definição das metas de desempenho e do grau de rigor das avaliações.
- A responsabilidade pelo desenvolvimento das avaliações é normalmente de uma área de apoio (na FGV EAESP, o Centro de Desenvolvimento de Ensino e Aprendizagem – CEDEA) e da coordenação do curso, de forma independente às disciplinas. Portanto, eliminam-se ou minimizam-se os potenciais conflitos de interesse e tem-se uma mensuração cujo principal objetivo é a realimentação para a melhoria contínua do programa;
- A gestão dos instrumentos de avaliação é centralizada, facilitando assim a utilização de especialistas internos ou externos no processo de desenvolvimento, garantindo maior validade e confiabilidade dos resultados.

Na FGV EAESP, comparando-se o primeiro ciclo de cinco anos após a implementação do AoL (2010 a 2014) com o ciclo atual (2015 a 2019), houve melhorias significativas em indicadores como o número médio de avaliações (de 12 para 50 por ano), o número médio de ações de melhoria decorrentes dessas avaliações (de 14 para 55 por ano), o grau de eficácia dessas ações (melhoria de 71%) e, finalmente, o nível de aprendizado, mensurado pelo percentual das competências cujo desempenho supera a meta (melhoria de 32% entre os dois ciclos). Esses números evidenciam os benefícios da adoção do sistema de AoL e das formas de avaliação de aprendizagem com as características descritas neste artigo. ●

ALEXANDRE PIGNANELLI > Professor da FGV EAESP e coordenador do sistema de *assurance of learning* da Escola > [alexandre.pignanelli@fgv.br](mailto:alexandre.pignanelli@fgv.br)